

## **AO LEITOR: LEITURA E MUITO PRAZER.**

Rosa Amélia P. Silva. – Grupo de Pesquisa LER, UnB.

O presente texto trata da recepção do texto literário em ambiente ensino; questiona a forma tradicional de estudar a literatura e propõe uma aprendizagem centrada na habilidade da leitura de forma dialógica. Propõe-se explorar o texto literário como meio e fim buscando uma metodologia mais prazerosa tanto para o professor quanto para o estudante, que, no contexto atual, encontra-se cada vez mais distante da leitura da literatura.

O interesse pela recepção do texto literário em ambiente de ensino nasceu devido a dois motivos especificamente. O primeiro é por reconhecer que, muitas vezes, o único contato do sujeito com a literatura é aquele que ocorre na escola; o segundo é por reconhecer que, mesmo sendo, muitas vezes a única forma de contato do sujeito com a literatura, o trânsito da literatura em ambiente de ensino não se efetiva de forma cativante, distanciando o leitor desse gênero textual. Durante minha prática de professora, esse distanciamento me incomodava, preocupava-me; contudo, incentivava-me a mudar a minha prática pedagógica. Buscava promover o envolvimento do estudante com o texto literário. Dessa forma, comecei uma investigação teórica.

Reconheci, nesse processo, que já havia muitos pesquisadores refletindo acerca dessas preocupações; apesar disso, muito pouco mudava no cenário da prática de sala de aula. As propostas renovadoras permaneciam no âmbito da teoria; a prática docente permanecia obsoleta e tradicional. E, cada vez mais, os estudantes se distanciam da leitura do texto literário. Dessa forma, propus uma discussão acerca da importância das teorias vigentes e realizamos propostas de oficinas de leitura, baseadas na leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais que se revelam base sólida para uma prática pedagógica que atenda às necessidades do leitor contemporâneo.

Quando propus a investigação de que resultou a minha dissertação de mestrado, afirmava que o desejo de descobrir e conhecer o mundo já não perpassa, como antes, a leitura do texto literário. A eficiência do mundo da imagem leva o adolescente a crer no desprestígio da literatura canônica. E é fato que, melhor do que qualquer outro tipo de leitura, a literária promove o crescimento e a libertação do homem. Ler literatura revela-se uma descoberta intelectual e psicológica, desenvolve o senso crítico, excita a imaginação. Tais fatos justificam e/ou estimulam a atuação do leitor.

Assim, estudar o desinteresse dos jovens pela leitura literária revelou-se tarefa importante e necessária para que se possam entender as razões psicossociais que contribuem para esse comportamento. Sabe-se que o ensino de Literatura proposto pelos livros didáticos apresenta biografias e contexto histórico, a partir dos quais se leem fragmentos de textos. A educação literária, no Brasil, revela-se uma combinação de compreensão das formas textuais, produção escrita e documentação histórica e caracterização estética.

Reconhece-se que o ensino centra-se na concepção de sujeito unificado e dotado de capacidades intelectuais, de consciência e de ação. Percebe-se também uma valorização da identidade coletiva que se projeta no sujeito, que internaliza valores sociais determinantes de sua prática social. Há, do ponto de vista pedagógico, uma perspectiva de linearidade tanto da vida do sujeito quanto do conhecimento que ele adquire. Nesse contexto, a voz da autoridade por parte do professor de literatura que se caracteriza, geralmente, pelo monologismo engendra, em contrapartida, a voz da resistência por parte do estudante. E nesse embate, o primeiro não consegue despertar o gosto pela leitura literária e o segundo não se sente atraído por ela.

Percebe-se, no processo interacional professor-aluno, um conflito de vozes e, neste último, observam-se rejeição e resistência à literatura. Tal fato leva-me a acreditar na não-realização do processo comunicativo. Apesar de todo enunciado ser sempre uma réplica a outro enunciado, ser sempre heterogêneo, revelando duas faces, duas posições, a do sujeito e aquela em oposição à qual se constrói, não se pode dizer que o diálogo entre leitor e literatura se efetiva, ou até mesmo entre leitor e professor. Assim, na resistência em ler literatura indicada pela escola, pode-se reconhecer uma voz contestativa. Por isso, faz-se necessário repensar os papéis que estão exercendo cada um dos participantes, no centro dessa relação educativa.

Numa ancoragem mais recente, reconhece-se que a identidade individual é constituída pelas relações sociais do atuante social. E, na contemporaneidade, essas relações se fazem múltiplas, diversas e, principalmente, multidimensionais. Observa-se que as sociedades modernas estão em constante processo de mudanças, estas se mostram permanentes e acontecem de forma permanente. Tal fato são características que distinguem o moderno do tradicional. Nessas relações atuais, a natureza humana não se revela completamente submissa, muito menos totalmente autônoma. Ela é fragmentada. Isso ocorre porque se

reconhece na construção do sujeito a sua relação dialógica: os outros estão nele e ele é o reflexo dos outros. A construção identitária é histórica e a narração de mundo que o sujeito conta também o é. Passa-se, assim, à compreensão de que o conceito de identidade unificada é uma “narrativa do eu”, construída por cada um de nós, e que o homem contemporâneo vive em permanente confronto com uma multiplicidade enorme de identidades possíveis e cambiantes, com as quais temporariamente pode se identificar (Hall, 2005: 7).

A realidade heterogênea faz com que o sujeito não absorva apenas uma voz social; ele é dialogicamente constituído uma vez que essas múltiplas vozes, ao constituírem-no, relacionam-se de formas diversas. Essas relações tanto podem ser convergentes quanto divergentes, tanto podem polemizar quanto pacificar, tanto podem estabelecer acordo quanto desacordo. E são nesses conflitos que o sujeito historicamente se constitui, revela-se e comporta-se. Ter consciência dessa relação dialógica ajuda ao indivíduo aprender a explorar sua constituição fragmentada que o mundo moderno colabora em construir; leva-o a compreender as dificuldades humanas de interação com o outro, de autoconhecimento; reconhecer sua historicidade individual e coletiva; leva-o a aprender atuar no mundo. A consciência humana é aberta à realidade. E a do adolescente, pelo seu caráter púbere, revela-se mais aberta para o mundo. Há, em sua constituição, um conflito de vozes divergentes, polêmicas, as quais contribuem para a atitude de resistência e subversão em relação ao discurso do professor, cuja autoridade é sustentada por um discurso, muitas vezes, repressora.

Nessa nova conjuntura social, pensar a construção do sujeito numa perspectiva unidimensional é expurgá-lo, uma vez que, devido ao processo de globalização, as vozes que permeiam o discurso do indivíduo moderno são plurais. Pensando na perspectiva do docente, é importante que ele reconheça o processo de instituição da leitura, os fatores que a determinaram, a que tipo de textos o homem relacionou a leitura durante o desenvolvimento das tecnologias a ela ligadas. O processo histórico abarca o processo de leiturização<sup>1</sup> atrelado ao desenvolvimento da escrita e da leitura da literatura. Aquela se explica pelo atrelamento às atividades comerciais ao desenvolvimento da leitura e da escrita e esta às práticas orais das sociedades.

Somente no século XVIII, a literatura, no Brasil, é reconhecida como disciplina para o ensino nas escolas e, como consequência disso, atinge o seu auge. Ainda na perspectiva do docente, é necessário também que o professor conheça as leis que regeram o ensino da disciplina em questão e como elas mudaram ao longo dos últimos séculos, de acordo com as mudanças ideológicas; como as práticas de leitura mudaram nos últimos séculos em decorrência das práticas comerciais e de aspectos valorativos, midiáticos e interculturais.

Partindo do pressuposto de que tudo o que se ensina nas escolas, ensina-se por tradição, por valoração de alguns aspectos da nossa cultura, é importante discutir as concepções de literatura, as principais teorias pelas quais se desenvolvem metodologias de ensino aplicáveis ao ensino dessa disciplina, tais como as correntes intencionalista e imanentista. Elas determinam o que se ensina na escola hoje. A partir da análise dessas teorias, compreende-se a função social da literatura e reconhece-se como é importante distinguir os referenciais teóricos, porque eles influenciam na valoração de certos conteúdos ensinados na literatura e no modo de ensinar tal disciplina.

Para fugir da posição idealista em que foi posto Jauss, quando ele desenvolveu uma estética centrada na recepção da obra pelo leitor, nessa reflexão, propõe-se um diálogo teórico entre Jauss e Bakhtin, entre Freire, Moraes e Candido pensadores importantes no cenário mundial e nacional respectivamente. A leitura, sobretudo a literária, revela-se um ato que, à primeira vista, parece individual. Contudo, numa análise menos circunscrita, observa-se o contrário: a leitura é um ato construído socialmente que se desencadeia e se amplia no convívio com os outros no universo social. A leitura de mundo se faz de acordo com as experiências do sujeito leitor.

Apesar de a leitura ser considerada um ato subjetivo, concebida muito mais como prática individual, pode-se afirmar que a ela é uma prática dialógica. Somos únicos na pluralidade. Como afirma Bakhtin: o eu do sujeito é nada sem o outro. O eu-sujeito se constrói e se molda é no encontro com o outro: o sujeito experimenta práticas sociais e essas experiências edificam o ser. O sujeito é a sua experiência social, construído por suas relações dialógicas. E a leitura é mais uma forma de diálogo silencioso, entre autor e leitor. É nos intervalos desses silêncios que as palavras significam, revelam, desvelam seus símbolos.

Bakhtin defendeu a existência de três concepções de dialogismo. Para esse teórico, em qualquer ato comunicativo, as formas de diálogo atuam simultaneamente, em “toda a enunciação verbal, de qualquer tipo que seja” (Bakhtin, 2002: 123). A primeira concepção diz respeito ao modo real de funcionamento da

<sup>1</sup> A leiturização consiste na mobilização, na ativação e no desenvolvimento consciente dos meios existentes – estruturais, materiais, humanos – para promoção da leitura.

linguagem, todos os enunciados se constituem em relação a outros. Considera-se a atitude responsiva entre os interlocutores do ato enunciativo, que, no caso da leitura, são o texto e o leitor. E, no caso da literatura, revela-se o efeito estético da obra sobre o expectador e vice-versa.

A segunda concepção, pela incorporação de outras vozes no discurso, revela-se o diálogo entre os textos, ou seja, a relação intra e intertextual entre as vozes sociais que permeiam e compõem os textos orais ou escritos. Quanto maior o nível de leitura do leitor, maior será a condição de perceber o diálogo entre os textos, compreendê-los, questioná-los e ampliar o horizonte de expectativa. O homem precisa, para entender um tema, uma ideia ou a si próprio, desenvolver tudo isso em várias perspectivas, em vários tempos e contextos e colocá-los em prática de distintas formas.

A terceira concepção de diálogo considera a constituição histórica do próprio ser, a qual não pode ser descartada, uma vez que é esse caráter histórico ou experiencial que, de fato, lê os textos, atribui significado e determina o caráter estético da obra literária: a sua recepção e o seu efeito. Segundo Jauss (1994), “a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto”, ela se completa na relação dialógica com o leitor.

Assim, parte-se da ideia de que a concretização de uma obra literária revela-se um processo de interação entre leitor e texto; momento em que o leitor pode sentir estranhamento ou identificação, de acordo com o diálogo que se estabelecer. Esse conflito se dá justamente porque quem lê transmite ao objeto-texto lido a sua experiência social e intelectual; contudo, também recebe do objeto-texto lido sua carga histórica, social. E o leitor curioso é aquele que busca compreender, numa ânsia incontida, segundo Jauss (1994: 37), “a pergunta para a qual o objeto-texto artístico se revela a resposta”.

A prática de leitura do texto literário aciona no leitor uma série de expectativas que perpetuam o contato entre ambos. Segundo Bakhtin (2002), toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma atitude responsiva que demarca a relação dialógica do discurso. Bakhtin (2000) acredita que o homem se constrói nas suas relações sociais, de forma interminável, o ser está sempre em processo de construção de si mesmo, fenômeno a que ele chama de inacabamento<sup>2</sup>. O outro constitui o interlocutor necessário na edificação individual e coletiva. Para Jauss, a compreensão de uma obra abarca o todo processo histórico, social de sua recepção. O leitor adentra a obra comparando os seus horizontes de expectativas com o horizonte da obra, aspectos de cuja fusão decorre o entendimento.

Observa-se que existe entre as ideias desses teóricos uma relação de complementaridade. Eles reportam-se ao social como elemento constitutivo da natureza humana; valorizam a relação dialógica entre os atores sociais, portanto, incluem-se aí os componentes do eixo artístico: autor, obra, leitor, os quais bem relacionados geram o efeito estético que pode ser sentido e reconhecido na figura do leitor.

A leitura, tal qual o homem, em seu constante processo de inacabamento, realiza-se num processo interativo e ininterrupto durante o qual o leitor aciona todo o seu conhecimento linguístico, seu conhecimento textual, o conhecimento de mundo para dar significado; a leitura revela-se uma atividade investigativa, por parte do leitor, decorrente das lembranças e conhecimentos, daquilo que ele – leitor – considera relevante para a compreensão de um texto. Este dá as pistas e sugere os caminhos; os quais o leitor encontra de acordo com o seu repertório experiencial.

Contribuem para a construção do sentido durante a leitura a pré-determinação de um objetivo e a formulação de hipóteses. Essas atividades pressupõem outras: a reflexão e controle sobre o conhecimento, sobre a capacidade de guiar-se nos (des)caminhos da leitura. No processo de construção do sentido, o leitor atua sobre o texto, identificando as marcas linguísticas próprias da microestrutura, as quais são pistas formais, dadas pelo autor do texto, para a construção do sentido na macroestrutura. O leitor experiente, para marcar a compreensão, avaliar e comprovar suas leituras, vale-se desses recursos microestruturais, os quais presentificam a figura do autor; contudo, nem sempre é possível, na leitura, explorar todos esses mecanismos, porque eles podem não estar explícitos, o que se exige um novo comportamento do leitor.

A leitura – sobretudo a literária – realiza-se de forma colaborativa: o leitor preenche os vazios deixados pelo autor. O texto é o elo pelo qual se estabelece a comunicação entre autor e leitor, que se realiza de várias maneiras: de forma superficial, quando o leitor, nesse caso, principiante, atém-se a explorar os mecanismos linguísticos para compreensão do texto; de forma intermediária, quando o leitor, nesse caso, um leitor em processo de habilitação, reconhece o jogo proposto pelo autor do texto e a partir disso reorganiza, a cada momento, o seu repertório de interpretação para avançar na leitura; de forma profunda, quando o leitor, nesse caso, hábil, competente, torna-se coautor do texto, edificando a sua interpretação e recriando o texto, a partir do diálogo estabelecido com o autor e com o texto lido e suas demandas.

<sup>2</sup>Segundo Bakhtin, inacabamento é o processo constante no qual o ser humano se encontra, uma vez que a sua consciência está em constante formação, transmutando-se.

Assim, percebe-se que a leitura é um processo cognitivo que exige do leitor muito mais do que percepção do texto ou do mundo, exige dele aquilo que ele pode dar enquanto prática cognoscitiva. Quanto mais entrega houver, maior será a ampliação do conhecimento, uma vez que “ler não é sobrevoar” (MORAIS, 1996, 125). Ler é mergulhar no texto, processando todos os mecanismos de percepção e, sobretudo, de cognição, movimento que o leitor é capaz de realizar, quando se torna um leitor competente. E sabe que quanto mais largo é o horizonte de experiência construído pelas experiências do leitor, mais abrangente se torna a compreensão leitora.

Considerado os postulados freirianos, reconhece-se que a leitura é muito mais que um processo cognitivo : é um ato político, uma vez que ela ocorre a partir de temas significativos à experiência social e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência individual. Na perspectiva freiriana, a leitura não deve ficar apenas no plano da decodificação, da mecanicidade. Deve-se ensinar a ler profundamente, levando o leitor a reconhecer as ideologias impregnadas em cada texto.

Embora o primeiro contato com a leitura do texto escrito, geralmente, se realize no ambiente educacional, Freire (1991: 28) acreditava que a educação nunca é neutra, é sobremaneira política, “pode modelar a alma, recriar corações e alavancar as mudanças sociais”. Nesse sentido, observa-se que a promoção da leitura é uma atividade que se desenvolve a partir das relações sociais dos membros que constituem o contexto do leitor e também do mediador.

Candido (2008) considera o processo de produção da arte literária é completamente relacional, uma vez que há um diálogo histórico e político construído nas relações entre autor, obra, leitor e a sociedade em que se inserem, de forma inter e intradiscursiva. Esses compositores são reflexos da sociedade na qual vivem. Contudo, são também atuantes nessa mesma sociedade, contribuindo para a sua transformação, revelando o papel político de cada um. Se assim é o processo de produção, com a recepção não há de ser diferente, uma vez que o leitor, receptor da obra, tem as mesmas atribuições sociais.

A arte é (...) um sistema simbólico de interação humana, ela pressupõe o jogo permanente das relações entre os três (autor, texto e leitor), que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (...) A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade do autor depois de estabelecido aquele contacto indispensável. (...) O autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público a que se dirige; é o agente que desencadeia uma série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 2008: 48).

Em *Literatura e sociedade*, Candido (2008: 31) advogou que a arte, no caso estudado a literária, “constitui um sistema simbólico de comunicação inter-humana”, cujos componentes – autor, obra e leitor – definem em suas relações o quarto elemento do processo, que é o efeito”. Assim como todo o produto cultural humano, a literatura

é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos (leitor e obra) que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (idem, 84).

Observa-se que, tanto para avançar teoricamente quanto para acompanhar as mudanças ocorridas nas outras áreas do conhecimento, é necessária uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual; uma ruptura com o exclusivismo da teoria de produção e representação da estética tradicional. Assim, valorizamos a literatura pela relação dialógica entre os seus três principais eixos: produção, recepção e comunicação, ou seja, na relação ativa, dinâmica entre autor, obra e leitor, como pregava o círculo bakhtiniano.

O livro na minha estante não me conhece até que eu o abra, e no entanto tenho certeza de que ele se dirige a mim – a mim e a cada leitor – pelo nome; está à espera de nossos comentários e opiniões. Eu estou pressuposto em Platão, assim como cada livro me pressupõe, mesmo aqueles que nunca lerei. (MANGUEL, 2006: 106)

Em *História da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss (1994) apontou os descaminhos da história da crítica literária e nós podemos evidenciar influências desses percalços na prática de ensino. Explicitou que, quando, na leitura, se valorizam os aspectos formais na interpretação crítica e exegese de um texto, ou se superdimensionam os aspectos cronológicos, cria-se um interstício que impede o efeito estético. Na tentativa de eliminar essa fenda, buscou compreender a estética de forma ampla. O mais importante no

estudo da obra literária, para a estética da recepção, torna-se a compreensão da sua recepção e de seus efeitos sobre o leitor. Os horizontes de expectativas que ela a obra gera, e é o que, de fato, na perspectiva de Jauss, constitui a história da literatura.

A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepção, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, declinando, assim o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível a sua qualidade estética (JAUSS, 1994: 23)

Para Jauss, assim como se reconhece em Bakhtin, a concretização de uma obra literária revela-se um processo de interação dialética<sup>3</sup> entre leitor e texto. Ocorre quando o texto atua no leitor, cria e recria; o que o texto não diz, pode sugerir. Os silêncios ou vazios lançados no texto são preenchidos pelo imaginário do leitor, a partir de sua atuação no processo de leitura. As pistas, idéias implícitas as quais o leitor pode ser capaz de perceber de acordo com suas experiências e com seus horizontes de expectativas, leva à concretização do sentido. Pode acontecer, assim, a fusão ou o estranhamento entre os horizontes de expectativas do passado e do presente, este representado pelo histórico contextual, experiencial, social do leitor; aquele apresentado pelo histórico da obra.

Dessa forma, a leitura aciona no leitor uma série de expectativas que sustentam o contato entre ambos: o texto e o leitor. Segundo Bakhtin (2002), toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a algum enunciado ou situação/fato; é construída como tal. Assim como a linguagem é o lugar do conflito, o texto revela-se um campo de batalha por meio do qual leitor e escritor podem se identificar ou se estranhar. E, quanto maior o estranhamento, maior é a ruptura de paradigmas, maiores são as condições para o cotejamento ideológico, para a mudança e atribuição de significados.

Segundo Jauss (1994), “a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto”. À medida que é lida, a obra agrega significados de acordo com o contexto histórico, social e individual tanto do leitor quanto da circulação da obra. Ocorre entre o autor da obra, a obra e o leitor um diálogo amplo em todas as atuações.

A concepção jaussiana acerca da estética recepional é a de que o ato de ler se desenvolve em três etapas, que não são, necessariamente, sucessivas. A primeira etapa envolve o processo de compreensão do texto, que se realiza na leitura dos símbolos gráficos e fônicos; porém não finda aí. A segunda etapa é o momento em que o leitor, com toda a sua bagagem, mergulha no texto para interpretá-lo, tirar dele não somente aquilo que ele diz e sugere como também o não-dito. É o momento de cotejo dialógico entre dois horizontes: o do texto e o do leitor.

Em algum momento, esses horizontes – mesmo sendo diferentes – se mesclam. O leitor, numa atitude investigativa, mergulha no texto para retirar dele tudo o que ele pode oferecer. Assim, criam-se, no leitor, o desejo, a necessidade, o conflito. A terceira etapa abarca a percepção das sutilezas lançadas pelo texto e, a partir disso, supõe uma mudança de atitude do receptor diante de si mesmo e do texto, de forma que ocorra a perda de ingenuidade diante do mundo e advenha uma (re)construção de valores.

Deve-se compreender que o texto só existe pela e na leitura; assim, o leitor torna-se coautor da obra. É o ser que age e produz os sentidos; é o ser que compreende, lentamente ou não, os sentidos do texto, que preenche as silêncios dados pelo texto, (re)constrói e sente a poesia invadi-lo; e, depois, transforma-se, liberta-se, conhece novos mundos, ganha experiência, amadurece.

O ato de ler e sentir o prazer estético pela literatura, na perspectiva da estética da recepção, relaciona-se aos estágios pelos quais passam o autor e o leitor de uma obra literária. O ato de produzir o sentido da obra, compreendendo-a – seja na posição de autor, seja na posição de leitor – relaciona-se ao estágio da *Poiesis*. Esse momento relaciona-se à abertura da consciência para o objeto artístico, o texto literário. É a prática intelectual diante do objeto-texto: constatação, averiguação, cotejamento, atribuição de

<sup>3</sup> Em sentido bastante genérico, dialética é a relação de oposição: o conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos. No *platonismo*, é o processo de diálogo, debate entre interlocutores comprometidos profundamente com a busca da verdade, através do qual a alma se eleva, gradativamente, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou idéias. No *aristotelismo*, é o raciocínio lógico que, embora coerente em seu encadeamento interno, está fundamentado em idéias apenas prováveis, e por esta razão traz sempre em seu âmago a possibilidade de sofrer uma refutação. No *kantismo*, é o raciocínio fundado em uma ilusão natural e inevitável da razão, que por isto permanece no pensamento, mesmo quando envolvido em contradições ou submetido à refutação. No *hegelianismo*, é a lei que caracteriza a realidade como um movimento incessante e contraditório, condensável em três momentos sucessivos (tese, antítese e síntese) que se manifestam simultaneamente em todos os pensamentos humanos e em todos os fenômenos do mundo material. No *marxismo*, é a versão materialista da dialética hegeliana aplicada ao movimento e às contradições de origem econômica na história da humanidade. Conceito que se distingue de dialogia, explorado, nesta dissertação, com base em Bakhtin. Para nós, neste trabalho, consideraremos que o movimento dialético constitui do conflito entre ideias opostas que geram novas ideias.

sentido. “Nessa atividade, o homem alcança um saber que distingue tanto do conhecimento conceitual da ciência quanto da atividade finalística do artesanato passível de reprodução” (JAUSS, 2002: 101). O ato de sentir o efeito estético da obra e valorizá-la relaciona-se ao estágio da *Aesthesis*. “Compreende a recepção prazerosa do objeto estético como uma visão intensificada, sem conceito ou, através do processo de estranhamento<sup>4</sup>, como uma visão renovada, como contemplação desinteressada.” (idem, ibidem)

O ato de se transformar, purificar-se, refinando os sentidos imbrinca-se ao estágio da *Katharsis*: corresponde à tarefa de desviar o espectador artístico de seus interesses práticos e cotidianos, “a fim de levá-lo, através do prazer de si no prazer no outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar” (ibidem, 102). Nesse terceiro estágio<sup>5</sup>, ocorre a transformação do leitor no seu devir. Um leitor que se revela não apenas um ator intelectual do leitor no mundo, mas sim um ator social agindo e modificando a si mesmo e ao mundo que o cerca. Esse é o leitor vindo-a-ser-no-mundo, é o ser-evento na perspectiva bakhtiniana. Nessa perspectiva, a leitura da literatura fortalece a consciência compreensiva e crítica acerca da individualidade e do papel social do sujeito no mundo, dando-lhe autonomia.

Assim, compreendendo o mundo do adolescente, propõe-se, em caráter experimental, que a escola opere como formadora de uma prática educativa a partir da Literatura. Assim como existiu a Educação Moral e Cívica, como existe ainda a Educação Física e como se deseja implantar nas escolas a Educação Sexual, é coerente pensar na Educação Literária. Defende-se o ensino da literatura pela leitura dialógica e não pela exposição teórica e aulas de metaleitura, como habitualmente acontece. Centramo-nos nas teorias da estética da recepção juassiana, nas concepções bakhtinianas de dialogia e na valorização das relações sociais defendidas tanto por Bakhtin quanto por Candido, Freire e Martins.

Justificamos assim, com base nessas teorias, a proposta de uma nova perspectiva metodológica para o ensino da literatura: Uma metodologia que privilegie a leitura e a dialogia.

Estes dois fenômenos: o dialogismo e o respeito pelo horizonte de expectativas do leitor, associados a leituras temáticas e extraclases em forma de oficinas, *workshop*, promove a Educação pela Literatura, fortalece a consciência crítica acerca da individualidade e do papel social do adolescente. E todo professor deve se conscientizar que ensinar literatura é muito mais que ensinar características de estilo de época e contextualização histórica de cada estética literária. Ensinar literatura é ensinar a ler literatura, porque ler é sentir e reconhecer o mundo, “ler é emprenhar-se de idéias para engendrá-las” (Silva, 2008: 1). A prática de ler faz o homem crescer intelectualmente, interagir com outras formas de compreensão do mundo para ampliar o próprio mundo, “a leitura torna o homem completo” no mundo, cito Francis Bacon (*apud*: Vieira *et alli*, 2007: 35).

Essa perspectiva de trabalho acrescenta muito mais ao leitor, porque o dialogismo tanto intertextual quanto histórico, ou seja, a compreensão da produção dos textos na sociedade e a compreensão de construção de si mesmo, explora o diálogo entre os gêneros discursivos, que, segundo Bakhtin, são os enunciados pelos quais o ser atua na sociedade; dá ao leitor a condição de conhecer as formas de renovação dos antigos gêneros, a renovação deles e a formas, e por consequência, a forma de pensar da humanidade e de atuar nela, modificando aquele que lê, dando a ele novas características, nova percepção. Para finalizar, cito Rubens Alves em *A complicada arte de ver*, quando ele diz que a grande missão do professor é ensinar o outro a ver o mundo com novos olhos: os olhos da poesia.

Por isso – porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver – eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como O Jesus menino do poema de Caetano. Sua missão seria partilhar “olhos vagabundos” (ALVES, In: *A complicada arte de viver*).

## Bibliografia.

- ABREU, Márcia. (org) *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 1999.
- \_\_\_\_\_.(org) *Cultura Letrada: Literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- BAKHTIN, Michael Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1922.

<sup>4</sup> O estranhamento, para Chklovski, seria então o efeito criado pela obra de arte literária para nos distanciar (ou estranhar) em relação ao modo comum como apreendemos o mundo e a própria arte, o que nos permitiria entrar numa dimensão nova, só visível pelo olhar estético ou artístico

<sup>5</sup> Vale ressaltar que expusemos os estágios numa sequência aparentemente gradativa; contudo, a ocorrência deles na prática estética do leitor não precisa, necessariamente, ser tão metódica. Esses momentos são autônomos e podem ser vividos simultaneamente ou sucessivamente pelo leitor literário.

- \_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- \_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- \_\_\_\_. *Para a filosofia do ato. S/edição e s/data*. BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul: 2008.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FERREIRA, Eliana A. G. Ribeiro. "A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida". Em: SOUZA, Renata J. *Biblioteca escolar e práticas educativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- FISCHER, Roger Steven. *História da Leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez e Associados, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol 2. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_. "A estética da recepção: colocações gerais". Em: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_. "O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis". Em: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- JOSETTI, Celina Cassal. *O arcaico e o moderno na escola brasileira: um enfoque da sociolinguística educacional*. Tese de doutorado – Faculdade de Educação Universidade de Brasília. Agosto – 2009.
- \_\_\_\_. "Mediação e letramento literário no ensino médio: uma experiência de desescolarização da leitura". Em: *Anais do Seminário Nacional Literatura e Cultura* Vol. 1. UFS – São Cristóvão. Agosto de 2009.
- LIMA, Luis Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e terra. 2002.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- \_\_\_\_. *O livro e os dias*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- PERISSÉ, Gabriel. *Ler, aprender e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O Ato de Ler*, Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 8ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.